

# VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANARIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



A gloriosa Adelina, no dia em que fêz 79 anos, com o seu cão predilecto, numa foto especial para «Vida Mundial Ilustrada»

(Foto Seródic)

# 6

## RAPARIGAS PARA UM FILME. PRECISAM-SE

(VER AS CONDIÇÕES DO NOSSO CONCURSO NA PAG.

# VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR:  
JOSÉ CANDIDO GODINHO  
EDITOR:  
PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL"  
EDITORA, LIMITADA"

PRIMEIRA COLUNA

## RECONSTRUÇÃO

Por ANÍBAL NAZARÉ

**T**ERMINADAS as duas guerras que ameaçavam afogar a terra em sangue e apagar do coração dos homens os últimos sentimentos de humanidade e de justiça, o mundo entra, decididamente, numa fase de reconstrução.

Cidades inteiras, quasi nações inteiras tombaram por terra, soterrando os seus habitantes, vidas que não darão mais vidas, cearas humanas ceifadas pela mão impiedosa da morte. Monumentos, Museus, tudo quanto marcava uma civilização e uma raça, tudo caiu sob a garras do mais forte — tudo se curvou e rendeu ante a passagem de Sua Magestade a Guerra.

Mas a vida não pára e o mundo entra, ainda mal ferido, no caminho da reconstrução. Vão reconstruir-se cidades e casas, vai dar-se de comer a quem tem fome e vai deixar-se descansar o mundo, que acorda, estremunhado e hesitante, do pesadão da catástrofe.

Mas essa reconstrução de cidades e aldeias, de casas ricas e de lares humildes tem de ser acompanhada por uma reconstrução moral que se não faz com architectos, nem com engenheiros, nem com trabalhadores... Pois para que erguer casas se dentro delas não viver uma idéa de paz, um sopro de humanidade? Para que criar novos lares, se as crianças de hoje forem guerreiros de amanhã, fabricantes de novas armas de guerra — e de novas guerras? Para que erguer de novo monumentos e templos se uma luz de paz não iluminar o mundo, e os templos e os monumentos de hoje forem as ruínas de amanhã?

Estamos, é certo, numa época de reconstrução. Mas comecemos por reconstruir em nossas próprias almas, se quizermos ser construtores de lares e monumentos, e de templos e do mundo!...



AQUI TEM RHONDA FLEMING, «A MAIS LINDA MULHER DA AMÉRICA»! ACABA DE SER DESCOBERTA POR DAVID O'SELZNICK, E VAI TER UM IMPORTANTE PAPEL EM «THE SPELLKOUND», AO LADO DE INGRID BERGMAN E GREGORY PECK.



UM ASPECTO DA «ESPERA DE TOIROS». — O ALMOÇO REGIONAL, OFERECIDO À IMPRENSA PELO «APOSENTO DO BARRETE VERDE», NO MOMENTO EM QUE FALAVA O NOSSO PREZADO COLEGA MATOS SEQUEIRA, QUE TEM À SUA DIREITA JOSÉ ANDRÉ, O INICIADOR DAS FESTAS. — O SR. GOVERNADOR



# A FESTA DO "BARRETE VERDE E DAS SALINAS"

FORAM ORGANIZADAS, ESTE ANO, PELO "APOSENTO DO BARRETE VERDE"

trabalhar por Alcochete. Fazer a sua legenda. Pagar pelo seu progressivo desenvolvimento. Tornar conhecidas todas as belezas naturais. Despertar actuações adormecidas. Criar iniciativas novas. Corporizar idéias. Aceitar e coordenar questões julgadas de interesse real. Ouvir e estudar as concepções e opiniões dos novos. Aproveitar os conhecimentos experimentados dos velhos. Criar um regional representativo das tradições, do labor, das tendências e aspirações da família alcochetana e que sirva de modelo de recepção de visitantes. Realizar, sempre progressivamente, as festas da Festa do Barrete Verde e das Salinas. Assim começa a circular que o «Aposento do Barrete Verde» fez distribuir, gratuitamente, para a conquista de novas adesões à sua obra, tão portuguesa, tão alcochetana, tão das Festas do Barrete Verde e das Salinas. Espera de toiros, corrida, caçada, Feira Franca — um rôr de festa para o povo e a que o povo não nega, numa inteligente compreensão do que estêro que tudo aquilo representa, para terra pequena e, por vezes, tão populada da sorte. Mas o povo não faltou. Delirou com a festa de gado, encheu até deitar por fora a praça de toiros, alegrou o arrabalde com bailaricos com a sua presença saudável e vibrante e, no fim das festas, ficou tão só com a certeza de que as Festas do Barrete Verde não acabarão, mas que que serão, de ano para ano, mais brilhantes, mais famosas — e mais comendadas!

\*\*\*

A idéia da criação, em Alcochete, de uma instituição de carácter regionalista que tivesse a seu cargo a obrigação de realizar as «Festas do Barrete Verde e das Salinas», vivia, há muito, no espírito dos alcochetanos e amigos de Alcochete. No passado ano, depois das Festas, em 11 de Agosto, um grupo de homens de boa vontade resolveu, numa manifestação entusiástica de acendrado barriarismo, a corporização à idéia, e logo ali, ao som do estralar de foguetes e de salvação de José André — criador das festas — a Imprensa e a Alcochete, se nomeou, por

estronosa aclamação, a comissão encarregada de realizar a feliz iniciativa.

Essa comissão, detandando mãos à obra, começou pelo principio: arranjar sede. Conseguiu, depois de grandes cansaças, uma casa com várias dependências, mas com fracas condições para o fim em vista.

Parcos de recintos, recessos do futuro, pensaram, de início, dar à casa apenas um aspecto alegre com decoração apropriada.

A vontade firme venceu as dificuldades. O fervor batrista derrubou as opiniões temerosas — embora com mais dificuldades com que derribou paredes — e a colónia fêz-se. Simples, despretensoza, mas alegre e caracteristica!

E, agora, entregues as Festas anuais à realização do Aposento do Barrete Verde — uma pouzada de iniciativa particular, pronta a abrir os braços a quem for a Alcochete, onde não há um hotel — muito há a esperar da sua acção e do amor à sua terra de que tantas provas têm dado os seus organizadores.

Oxalá em muitas terras do país se seguisse o exemplo de Alcochete.

Festas brilhantes, cheias de cor e de alegria — e uma pouzada acolhedora, limpa e sã — e seria o povo a saber fazer turismo e a receber, galhardamente, na sua sala de visitas...

\*\*\*

O sal que se extrai das inúmeras salinas de Alcochete constitui, sem dúvida, a maior riqueza e a maior fonte de trabalho da gente da região, e o barrete verde que os homens põem em dias de festa, mesmo familiar — casamentos, por exemplo — é bem o símbolo da sua alegria e da sua valentia, porque é aquela a vila do Ribatejo que tem dado mais valentes e destemidos moços de forçado.

É por isso que as festas de Alcochete se chamam de Barrete Verde e das Salinas. Terra que foi férreo e recreio de reis, Alcochete exhibe ao resto do país o estandarte policolor das suas festas.

Festas bem portuguesas, bem nossas, bem ao sabor da vontade do povo. Ou elas não tivessem espera de gado, e toirada, e arraiá e peidoço...

# PANORAMA

## PORTUGAL

Pode afirmar-se, sem que haja acção de patriótico exultante, que foi brilhantissima a participação, em Espanha, dos velejadores portugueses.

Depois de terem ganho as duas primeiras regatas, os nossos desportistas venceram estrondosamente, a terceira, chegando os seus quatro barcos com grande arcano sobre os espanhóis.

Em primeiro lugar classificou-se o tenente Henrique de Noronha, cuja foto publicamos, e Pi — Cebra.



## AMÉRICA



A mãe do Presidente Truman, foi ter com seu filho a Washington.

E o povo apressou-se a acudir para ir ao aeródromo avistar a mãe e filho.

Tamos jurar que, por mais acanções que Truman tenha recebido, junto de generais e admirantes, e reis e presidentes, nenhuma lhe tocou na alma como esta em que viu envolvida sua velha mãe — uma mãe americana que tem razão em ter orgulho de seu filho!

## ALEMANHA

Assim se regula o trânsito nas ruas duma cidade alemã, ocupada pelos russos. Não sabemos que género de carros por ali desfilam constantemente, dada a falta de gasolina, mas o certo é que a atitude do sinalero revela grande actividade.

A menos que êle se tenha pto assim só para tirar o retrato...



## FRANÇA



Sidonie Gabriele Gauthier-Villars de Jouvenet Gouchelet, ou simplesmente «Collette», su três vezes casada, autora de vinte brilhantes novelas semi-autobiográficas de amor, é a mais célebre mulher de letras francesas.

«Collette», agora com 72 anos, foi eleita para a Academia Goucourt. Vai sentar-se ao lado dos dez que, todos os anos, escolhem a melhor novela francesa.

Muito lida em França, a famosa escritora tem a sua obra traduzida em quase todas as línguas. Agora, está de cama, mas nem assim pára de escrever. Isso seria, decerto, para «Collette», redobrada doença...



CIVIL DO DISTRITO DE SETÚBAL, RODEADO POR UM GRUPO DE GENTIS SENHORAS DE ALCOCHETE, OSTENTANDO O CARACTERÍSTICO BARRETE VERDE. — UM ASPECTO DA TOURADA, NA ALTURA DAS CORTEZIAS

# SHIRLEY TEMPLE

## PENSA CASAR-SE, DAQUI A TRÊS ANOS

**S**HIRLEY Temple, que festejou os dezasseis anos no dia 23 de Abril do corrente ano, acaba de graduar-se na Escola Feminina de West-Lake, em Los Angeles. Nôvo do sargento John George Agar, de 24 anos, em serviço nas Forças Aéreas dos Estados-Únidos, declarou, recentemente, que só daqui a três anos se casará. «Penso que antes dos vinte, nenhuma rapariga está apta a assumir as responsabilidades que o casamento impõe».

Shirley acaba de interpretar «Tornarei a ver-te», o seu segundo filme fora dos papéis infantis em que se celebrou. O outro foi «Desde que tu partiste». Agora, vive a sua primeira paixão cinematográfica — marca um encontro ao nôvo e veste, no cinema, o seu primeiro vestido de noite.

«Fico admirada — diz ela — da surpresa com que o público recebe estas minhas interpretações. Então eu não tinha que crescer? Crescendo, é natural que evoluo, representando papéis adequados à minha idade».

Durante muitos anos, com efeito, o público chegou-se a convencer de que Shirley não crescia. Jornalistas sedentos de notícias «a sensations», inventaram até — e a nova correu o mundo! — que



Shirley era anã e, dêste modo, «explícavam» o precoce talento da vedeta.

Afinal, o tempo encarregou-se de desmentir essas atoardas. E Shirley cresceu, está nôvo val casar-se. Só não acreditamos que fique três anos à espera do momento solene em que, no braço do nôvo, subirá ao altar...



## QUANDO A SINETA TOCA PARA AS AULAS

**E**M obediência a determinações legais, as raparigas em idade escolar, e que se consagram a carreiras artísticas, só podem trabalhar nos estúdios americanos se não sacrificarem a sua instrução e cultura. De resto, o cinema não prescinde de uma e outra, e assim, para atingir as duas finalidades — as que a lei impõe e as que o cinema exige — muitos estúdios americanos mantêm escolas privativas.

A gravura representa a entrada para as aulas das vedetas da Universal. E a julgar pelo encanto das raparigas que se dispõem a aprender, estamos certos de que o leitor seria capaz de voltar às primeiras letras só para ter a satisfação de ser condiscípulo destas simpáticas alunas...

Não a conhecem, pois não? Também não admira. É uma das novas estrelas da Universal. Chama-se Lois Collier e aparece num filme que se intitula «Ladies Courageous», a glória das mulheres que asseguraram os serviços de transportes aéreos, para libertar os pilotos da guerra dos serviços de paz.



NAO É VEDETA DO CINEMA. E, NO ENTANTO, SOBEJAM-LHE QUALIDADES FISICAS PARA COMPETIR COM AS MAIS LINDAS ARTISTAS DE HOLLYWOOD. FAZ PARTE DO «TRIÓ» DE BAILARINOS MUNDIALMENTE CELEBRES QUE APARECE NO FILME «THANK YOUR LUCKY STARS». SEJA COMO FOR, ESTA FOTO IMPOE-SE PELA HARMONIA ADMIRÁVEL DAS ATITUDES E MOVIMENTOS.



# RAPARIGAS ENGRAÇADAS, PRECISAM-SE

## PARA O NOVO FILME PORTUGUÊS

### “MATEÉES QUATRO”

**APRESENSE-SE** as nossas leitoras que querem experimentar as suas possibilidades de fazer Cinema. Cuidem-se que começam em princípios de Setembro os trabalhos do novo filme «MATEÉES 4», que Santos Mendes vai dirigir para a «Atlante-Filmes e, por isso, precisamos que as concorrentes nos enviem, com a maior brevidade possível, uma foto do tamanho aproximado de postal e, devidamente preenchido, o «coupon» que noutro lugar publicamos.

Trata-se, como já dissermos, de selas papéis que estão reservados no filme para leitoras de *Vida Mundial* e não de selas que se encaixam em todas as envelopes, visto que o número de concorrentes é grande e pode, por isso, não haver muitas com possibilidades.

Repetimos, pois: — devem enviar-nos com brevidade as suas fotos, que iremos publicando, e uma qual quer feita uma primeira selecção.

**O “COUPON” DE INSCRIÇÃO VEM NA PÁG. 16)**


Maria Etigénia Rodrigues, de Caldas da Rainha; Vera Pinto Barreiros, Lilliana Jacques, de Lisboa; Maria Guadalupe dos Santos Aires, de Vizeu; Maria Constança Teles da Gama Soares Cardoso, de Lisboa; Lúsete Ferreira Nunes, Estoril; Maria José Azeiteiro Leão e Maria de Loures Fontainhas, de Lisboa.

# C I N E M A

## A 100 A HORA

**S** E após esta guerra os homens de ciência e os industriais cumprirem todas as promessas que nos vêm fazendo, de há alguns anos para cá — aqueles que resistirem às contingências da luta e às dramáticas consequências que ela trará, serão, na realidade, pessoas felizes. Já não falamos na desintegração do átomo e em todas as maravilhas que a descoberta necessariamente comporta. Referimo-nos a coisas mais caseiras. Não há fábrica ou indústria, com efeito, que não prometa nos seus anúncios: «Quando vir a past termos...». E teremos então, dizem eles, automóveis assombrosos a preços acessíveis; aparelhos de T.S.F. capazes de captar, com extraordinária pureza, a mais modesta e longínqua das emissores; salmão em conserva, pelo preço do carapau de escabeche; e docos de avela com vitaminas bastantes para acabar com todas as crianças raquíticas que vão pelo mundo... A frase «Depois da guerra tornarei, assim, no prólogo de quantos sonhos de felicidade e abastança cabem nos cérebros dos mais ambiciosos — e passou a constituir o anúncio de nova era prestes a desportar. Se o mundo nos ensinar a ser cépticos e descrentes — nem por isso devemos desapercegar de assistir à maravilhosa conversão de todas estas promessas em frutuosas realidades. Simplemente, todo se desenrolará com uma lentidão que se não condurrá, possivelmente, com a fúria dumfa humanidade cansada de sofrimentos e privações — e habituada, pela lei do tempo, a caminhar depressa.

Tudo isto vem a propósito dumha notícia que acabamos de ler num jornal americano, e segundo a qual o engenheiro Charles W. Wirright, vice-presidente da Pullman Standard Car Manufacturing Company, anunciou, em conferência realizada na estação emissora C.B.S., a próxima construção de carruagens-cinema, destinadas aos comboios de longo curso.

De princípio, os «expressos» levarão atrelada uma carruagem-salão, destinada exclusivamente a espectáculo cinematográfico. Mas estamos estudando os dispositivos necessários para proporcionar aos viajantes de todas as categorias, sem deslocação de lugar, a visão dos melhores filmes. Quando a guerra se acabar — e cá temos o slogan favorito! — as grandes viagens de bordo de esperar sem ver chegar e amar sem ter prazer — não têm mais o sabor de morte e a companhia americana de Caminhos de Ferro procurará, deste modo, evitar o aborrecimento dos que eram forçados a esperar, sem ver chegar o comboio. Tendo em atenção estes factos, nada nos impede de acreditar na morte profeta do sr. Charles Wright. E embora saibamos que as inovações — mortíferas quando concorrem para a comodidade do passageiro — levam muito tempo a cegar ao nosso país, não desapercebos de fazer uma viagem ao tempo a correr da noite, assistindo à exibição dum bom filme. Na estação do Rossio termos, possivelmente, os programas da semana. E o dia da partida está escolhido em função dos filmes que serão vistos. Os reclamos passarão a ter a seguinte forma: «Vá ao Porto em companhia de Ginger Rogers». E não será usado supor que os comboios para o Gerez se exibam programas cómicos, para que se possa anunciar: «Doentes do fígado, comparem-se a uma batalha campal para comprar um bilhete de primeira classe».

Porém, então, um verdadeiro prazer! Que a notícia sirva de conforto a quantos, depois de uma batalha campal para comprar um bilhete de primeira classe, se dirigirem ao seu destino, enfiados em carruagens pre-históricas, que são autênticas câmaras de tortura...

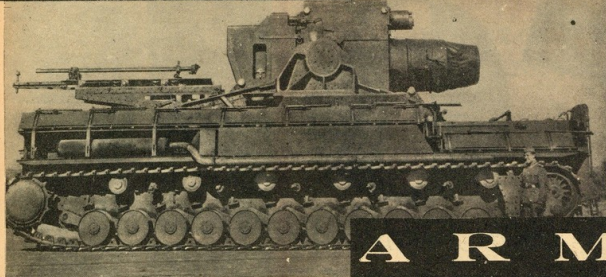
FERNANDO FRAGOZO



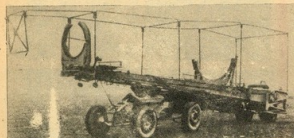
A ALEGRIA DO BANHO DE SOL. ELLA RAINES — LEMBRAM-SE DE «A MULHER DESCONHECIDA»? E «O HEROI DA MENTIRA»? — GOZA AS DELÍCIAS DUM BANHO DE SOL NA SUA CASA EM BEVERLY HILLS. UM «SHORT», UM CORPÊTE — E ALLA FRONTA PARA UMA MANHA DESPORTIVA. COMO CNICOS ATRACTIVOS, UMA FLOR BRANCA A REMATAR AS DUAS TRANCAS. EM CONJUNTO — UMA IMAGEM ATRAENTE ~ FELIZ!



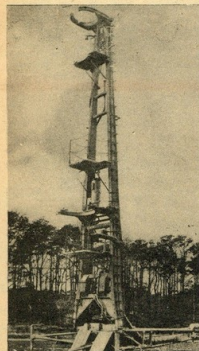
**AINDA HAVIA MAIS...**



Um stanks lança-bombas, de 120 toneladas, que dispara um projectil de uma tonelada.



Um lança-bombas V-2 — novo modelo.



O mesmo lança-bombas, pronto a projectá-las verticalmente.



Esta minúscula granada de mão (veja-se o seu tamanho pela régua junta) podia ser lançada a grande distância.

**P**ARECE impossível, mas é verdade — o tempo que durou a guerra com a Alemanha, não chegou para que fossem experimentadas todas as armas secretas criadas pelo Homem para a destruição dos homens...

Muitas armas ficaram por experimentar, certamente com grande mágoa dos seus inventores, que com os seus efeitos devastadores pretendiam, certamente, ganhar uma celebridade que dificilmente ganhariam por outros processos mais pacíficos...

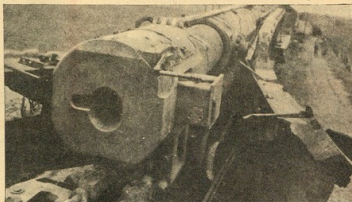
A verdade é que, se muitas e temíveis armas entraram nesta guerra, muitas outras, inúmeras, ficaram por estrear.

Isto ligado ao facto de só há pouco, ter estado em acção a bomba atómica, faz-nos calcular que, se chegam a entrar em acção todas as armas inventadas, assistiríamos ao singular espectáculo da total destruição do mundo...

Que, realmente, já faltou mais...

# A R M A S S E C R E T A S A L E M A S

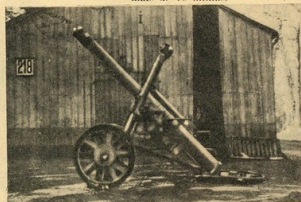
QUE NÃO CHEGARAM A SER  
EMPREGADAS NESTA GUERRA



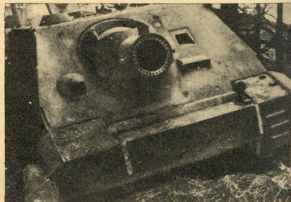
Canhão monstro, com 110 pés de comprimento, montado em trilhas de Caminhos de Ferro, e que lança projecteis a mais de 70 milhas.



O mesmo canhão visto de perfil.



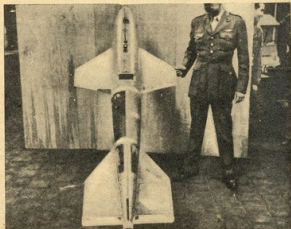
Um morteiro gigante, ainda em experiências.



Este canhão lança-bombas, tem um raio de acção de seis mil metros!



Uma bomba voadora que não chegou a ser experimentada...





# MADRID

## PRAIA DE MODA...

...OU A ALEGRIA DOS "BANHISTAS"  
DE DÉCIMO ANDAR...

DO NOSSO CORRESPONDENTE EM ESPANHA,  
LUIZ DE QUADROS

ESTE É REALMENTE O TRAJE MAIS APROPRIADO  
PARA COMER SORVETES.

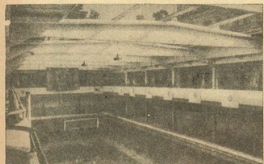
**D**E todas as capitais da Europa deve ser Madrid a mais infeliz quanto à sua situação geográfica, no que se refere à vida náutica. Situação geográfica infeliz, pois que, longe de qualquer mar ou de qualquer rio navegável, lhe acarretou o desgosto de ver confinada a sua vida quasi exclusivamente nos limites da burocracia e de se ver martirizada no Inverno por um clima de frios rigorosíssimos e de insuportáveis ventos, e de Verão sufocada por uma calidez africana, bem própria do planalto castelhano, em que os homens se consõem com sede e os passarilos caem fulminados pela canícula atroz.

Mau gósto teve o Senhor Rei Dom Filipe II em fazer daquela aldeola seiscentista de pastores e lenhadores rodeada de boas matas, capital do seu vastíssimo Império. Diz-se que Dom Filipe passando por ela, montado em bello alazão, achou tão agradável o clima do pequeno Madrid, tão propício à cura da sua enfermidade, que imediatamente deu ordens para néle lhe construir um palácio. Corre igualmente a versão de que o rei quis fundar uma grande capital das Espanhas no centro geográfico da Península, o que de facto parece ser a verdade histórica. Fosse pelo que fosse, o que é certo é que o rei trasladou a capital de Valladolid para Madrid com grande pesar de seu augusto pai, Carlos V, que — segundo se diz — o advertiu desta singular maneira: «Se queres aumentar o teu Império, leva a capital para Lisboa; se queres conservá-lo, continua com ela em Valladolid; se queres perdê-lo, leva-a para Madrid!»... Mas pouco importa agora a razão da transformação do pequeno burgo a que os árabes chamavam *Magerit* em capital da Espanha. interessa, sim, dizer que foi uma medida de muito mau gósto, e com a qual hoje ninguém concorda, e muito menos as madrilenhas de poucos recursos, cuja vida ou ordenado não lhes permite sair da capital...

Situada na margem de um rio navegável a pé e a cavallo, como dizem os barceloneses, os bilbanos e os valencianos quando, na presença de madrilenos, se querem referir depreciativamente ao Manzanares, Madrid, invejando Paris, Berlim, Viena e Budapeste, que no suave Sena, no agradável Wan See e no Danúbio «azuis» — ou «vermelhos» se assim preferirem... — lança mãos à cabeça e, num arranque de génio «revolucionário», forrou o seu Manzanares de cimento, construiu-lhe no centro uma ilha e instalou nela uma bella piscina — «La Isla». Depois, possuído de um ataque de maripolilla, construiu mais piscinas. Entre ellas as «del Niagaras», «El Lago», «Sant'Iago», «Velasquez», «Canal» e a do «S. E. U.», são as mais belas e as melhores, se bem que todas multíssimas inferiores à «Atlántico», de Espinho, e à de Agde. E é nestas «situações de praias que a juventude menos endinheirada bronzêa os corpos para, chegado o Outubro, poder rivalizar com aquelles *pollas pera* e aquelas *niñas grifa* que por praias santanderinas ou levantinas — ou até mesmo portuguesas — passaram um Verão «bem passados» e vêm negros de pele e mulatos do espirito...

Mas são principalmente aquellas raparigas a quem a fortuna não permite largos devaneios marítimos e a quem a sua condição social não deixa comparticipar nos estágios veraniegos da

(Continua na página 16)



Uma das piscinas «del Niagaras» onde a mocidade madrilenha se entretem...

A modo do Manzanares estibese, arrogantemente, como que a seduzir os madrilenos, a piscina «El Lago».



Este grande edificio de dez andares é um banco madrilenho. No entanto muitas casas particulares de Madrid tem, também, uma dúzia de «salubres»...



O «autobus» arranca, precisamente, no momento em que o jornalista-fotografo caregeva no botão mágico...



Madrid arreda Nova York

# PUBLICIDADE!

...ELOS A UNIR O  
MUNDO COMERCIAL

*consulte o*  
CONSÓRCIO GERAL  
DE PUBLICIDADE

TRAVESSA DA FÁBRICA DAS SEDAS, 10-LISBOA





# UMA ANINHA QUADRILHA EM LIBERDADE!

REPORTAGEM  
DE  
ANTÔNIO  
FEO



Aqui, neste primeiro andar, era o escritório do grande capitalista

1 O médico veio hoje de manhã. Mostrou-se apreensivo com a evolução da doença do Artur Manuel. As palavras com que tentava inspirar-nos confiança eram ócas, desfaziem-se naquela atmosfera de febre. Eu e a Maria da Luz trazemos um mundo de sofrimento dentro de nós. A ideia de que podemos perder o nosso filho, apavora-nos. Não, não é possível, éle tem de viver, força alguma nos poderá roubar o Artur Manuel!

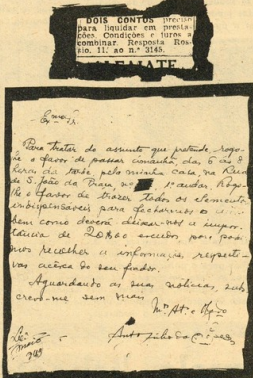
2 Um silêncio de morte pesa sobre a nossa casa pobre, ainda há pouco tão rica, tão cheia de traquinhas alegres do Artur Manuel. Tenho lutado ferrocemente pela sua salvação, não lhe faltando com a mínima prescrição médica. Ao canto da gaveta amontoam-se as cautelas de penhor. Hoje foram os lençóis de linho do nosso casamento. Vi lágrimas nos olhos da Maria da Luz. Mas teve de ser. Amanhã nada mais teremos para empenhar.

3 Tenho de arranjar dinheiro. Já não há que empenhar nem a quem pedir emprestado. No escritório o meu ordenado está absorvido por vales. Os remédios são precisos, são precisos. Parece que um vendaval maldito passou na nossa casa. Mas tudo abençoaremos se salvarmos o nosso filho...

4 Tive uma ideia que me parece esplêndida. Deitei um anúncio a pedir dois contos de réis emprestados. O senhor Valentim, antigo comerciante do

bairro, acedeu a ficar por meu fiador. Todos os dias leio anúncios a pedirem empréstimos. Pagarei um juízo caro, é certo, mas que importa, se já poderei comprar remédios para salvar o Artur Manuel!

E o anúncio safu no dia seguinte, na 5.ª página do jornal da manhã. Naquelas quatro linhas de aparência tímida, escondi-se um apelo afilhito para a salvação de uma criança de cinco anos. Vezes sem conta, o homem leu o anúncio, tocou pela enorme esperança de que em breve estaria resolvida parte da sua tragédia. Nessa tarde, com o coração a pulsar doadamente e a garganta apertada num soluço, estendeu o talão do anúncio ao empregado do jornal, a saber se já haveria qualquer resposta para o n.º 3145. Durante meio minuto, a expectativa cortou-lhe a respiração. Mas tódá a sua ansiedade se transformou num contentamento alvorçado, ao receber o envelope que trazia, por certo, a vida para o seu filho. Embralhado já no crepúsculo daquele dia que findava, o homem leu:



Agora tudo lhe parecia fácil para reconquistar a felicidade que perdera. O garoto melhorou, a Maria da Luz, trazendo a vida do filho na sua própria vida, voltou a sorrir. Ele sentia-se cheio de força para trabalhar dia e noite, até endireitar o seu 'charco' que tanto adernara no meio da tempestade. Seriam precisas, ainda mais caixas de injeções, mais tónicos, mas haveria dinheiro para tudo se obter. Depois, como o doutor recomendara, um mês no campo de novo o pequeno poderia fazer a sua vida normal.

Do pouco dinheiro que lhe restava, o homem tirou os vinte escudos para os preparos do empréstimo. Era natural que quisessem saber quem era o Valentim. Mas isso não o assustou. O Valentim era tipo sério, cuja assinatura valia ouro.

\*\*\*

Tinha que retardar o passo, para se não antecipar a hora marcada na carta. Corria o vento fresco vindo das bandas do rio. Pela primeira vez o Antunes atravessava o inverno sem ter um abafado. Henderia-lhe duzentos escudos o sobretudo. Quando realizasse o empréstimo, iria buscá-lo à cidade. E também os lençóis do seu casamento. Com o vento do sul, vieram gotas grossas de chuva que lhe molharam a cara. O relógio grande da Sé marcou, enfim, as seis horas. O homem estugou o andar e meteu a S. João de Traga. De nariz no ar, buscou o número. O 326 ficava ao lado de

uma mercearia. A porta, demaadamente estreita e baixa, estava pintada de um verde sujo. A meio pendia uma corda pequena com que se puxava o trinco. Abriu e entrou. Com dificuldade, exergou a escada íngreme, de degraus apertados, que levava a uma porta por cujas frinças saíam fitas de luz mortíca. Com os degraus a rangerem debaixo dos pés, subiu, ateando a parede para não cair. Tudo aquilo lhe parecia estranho. Ao de leve, bateu com os nós dos dedos. A porta abriu-se devagar. Uma mulher, que limpava as mãos a um avental, perguntou:

— Que deseja?

— Procuo o senhor Lopes...

— Mas já uma voz se ouviu, vinda lá de dentro, uma voz arrastada, a escorrer blandícia.

— Faça favor de entrar... Faça favor...

O Antunes deu dois passos e encontrou-se num corredor acanhado, quasi às escuras. Na sua frente, um velho com feições de coruja, costas abauladas, cabeça ossuda onde se espalhavam, em desalinho, algumas farfipias brancas, estregava as mãos uma na outra, repetindo:

— Faça favor de entrar... Aqui para esta sala...

Faça favor...

Antunes entrou numa sala pequena, cujo aspecto noturno não impressionava bem. A meio, sobre uma mesa redonda, coberta por um pano esgarçado, um candeieiro de petróleo aluminau a casa deixando-lhe os cantos imersos em negrume. O mobiliário era restrito e tóco. Duas cadeiras de vêrga, com os fundos muito estafados. Uma escrivaninha de pés carcomidos. Uma outra mesa, mais pequena, encostada à parede.

Insensivelmente, o Antunes lembrou-se das his-

(Continua na página 14)



O agêntia entra para o seu cvil. Vai sentar-se à secretária e aguardar, tranqüillamente, as suas vítimas...



A gentil desportista Lucília Anjejo, da equipa feminina de natação do Sport Algés e D. A. F. D. fundo, principiante — vencedora da prova. 3 X 50.



O antigo edificio da Embaixada alemã em Lisboa, na Rua Pau de Bendeiro, onde há tempos houve um incêndio, e que vai agora servir de residência particular do sr. Embaixador dos Estados Unidos.



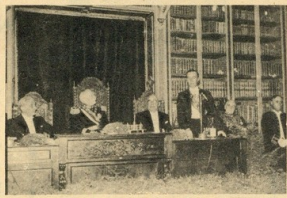
Hébil, o Alberto Hébil das exposições de Coimbra, de Figueira e do Porto, vai expor em Lisboa, pela braços amigo de Pastor de Macedo. E vai expor os seus quadros nos «Amigos de Lisboa», que não podem deixar de ser, por isso mesmo, amigos dos artistas. Trata-se de um artista cheio de personalidade e que o público e a critica vão, certamente, apreciar como mereço.



Mel se soube, em Lisboa, da rendição dos japoneses, os janelas comemoraram o apparecer embaixadores



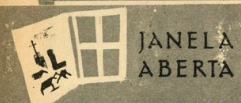
O «Rancho de Lisboa», da Sociedade Filarmónica Alunos de Apollo que se exhibiu no Coliseu na festa comemorativa do 55.º anniversario daquela casa de espectáculos, realizado a favor da Colónia Balmes Infantil de «O Seculo».



Na Academia das Ciências de Lisboa realizou-se, com grande solemnidade, a sessão de encerramento dos trabalhos para a unificação ortográfica da lingua portugueza. A foto foi tirada no momento em que o Dr. Pedro Calmon, Presidente da Academia e da Comissão Ortográfica Brasileira proferiu o seu brilhantissimo discurso.



No quartel da G. N. R. do Carmo, foi solenemente comemorado o «Dia da Infantaria». A foto mostra um aspecto da cerimonia quando falava o sr. capitão Felizardo Sarmento, que discursou sobre Nuno Álvares patrono da Infantaria, que classificou de «grande militar e privilegiado chefe de guerras».



## Aguarela lisboeta

POR MANUEL MARTINHO

**S**EMPRE a encontro, naquele desvão de rua triste, algemada num cotovello de parede, o rosto parado, estátua viva do sofrimento, alçando sobre as cordas o arco do violino, que só geme — e nunca toca.

É uma rapariga mal encorpada, franzina, débil e raquítica, sem peito, e com uns pulstos de tísica, cheios de veias azues.

Traz uma sala larga, desbotada, destas salas que ninguém usa, sem feitiço; que faz lembrar uma saca sem fundo...

Oh! os alfaiates dos pobres! Que figurinos ées vão buscar? Sabe-se lá. Todavia, esta saia não devia ter sido feita para aquella rapariga. Vê-se que caem pregas sobre os tornozellos — uns tornozellos invorsíveis, ligando uns pés espalmados, enormes, que dão apoio àquella carga de ossos.

Todos os dias a encontro naquele desvão de rua triste. E o que mais impressiona é té-la sempre all

presente, na meia sombra tombada sobre o passeio, lírida, rígida — um fantoche de trapos a quem meteram um realço desafiado nas entranhas.

Passo ali ao apitar dos sirenes, na hora do almoço. Venho cá em cima — e, por instinto, a minha mão rubasca nos bolsos a moeda que há-de cair naquela bandeja que umas unhas negras me mostram.

Mas se acontece, de manhã, o caminho não ser aquelle, já sei que, na volta, ao regressar, já noite feita, ela ainda está no desvão escuro com o violino debaixo do braço.

Chego a pensar se ela dormirá ali — costada com a parede, de pé, absolutamente de pé como aquella estranha criatura do tenebroso Dostoiévski, que ressonava sobre a neve, sonhando que o calor da sua vida lhe fazia mal.

Depois, aquella rua triste é caminho de meia duzia. Não tem o rumor dessas elegantes artérias, cheias de luz, orgulhosas do estival, onde se sabe que é feio cuspir no chão, estando o polícia presente. Não: aquella rua é o calcote de tudo — dos talos de couve, dos papéis velhos, de estêreo,

de lixo. Na bermas dos passeios há sempre água suja, de sargetas entupidas, ou nas linguas dos saltes, de boamento, para a Caridade, quando só se restos de peixe que apodrecem no meio de moquedo gordo.

É gente que sai de manhã, de lancheta avida, e só volta ao fim do dia, a pensar na reia e na cama, que os ossos vêm moldos do malho e da bigorna...

Ora se assim é, não há all tempo para escutar serenatas — nem o diñheiro ajuda nos bolsos que saíe, de boamento, para a Caridade, quando só se acende o lume nos dias felizes de trabalho — e se vive à mercê do acaso e do penhorista.

De modo que a bandeja nunca consegue transbordar com os tostões pingados.

Se, na verdade, aquellas pobres moedas não são para manter em sentido vertical a carga de ossos que os pés espalmados equilibram, vá...

Há cinco anos que aquella escassa de prantos chora, sem verter uma lágrima, de violino e bandeja. Nunca uma porta de asilo se abriu para a recolher — nunca uma voz lhe perguntou quem era.

Peço, pois, que se ela amanhã morrer de pé com os pés enormes espalmados sobre a terra, os senhores repórteres da sensação não a tragam, a duas colunas, como folhetim — chamando-lhe fenómeno.

É o burguez não vá benzer-se da originalidade da morte...



## Imagens da Conferência de Potsdam



no resúmo. O presidente Truman, à esquerda, Alico e Bevin ao centro e o marechal Estaline, de pé.



Allice regresso, vitorioso, a Potsdam. Aqui e vemos, à porta da sua residência, nessa cidade.



«Os três grandes» apotoma para o fotógrafo



Bevin na mesa da conferência. No primeiro plano está «Sir» Alexander Cadogan, e, atrás das bancadas, Molotov.

## JORGE ALVES

### REGRESSA A LISBOA PARA CASAR!



QUANDO estas linhas virem a público, é natural que Jorge Alves, o popular locutor português que em Dezembro último abalou para a América do Norte, já esteja em Lisboa, ou a poucas horas de chegar.

Seja como for, Jorge Alves torna ao convívio dos seus camaradas e amigos — que são todos quistos com ele, privados — e de seus parentes, que naturalmente anseiam pela sua chegada.

A notícia do seu regresso causou um certo interesse, pois havia quem o esperasse sómente em Dezembro próximo. Como sempre é uso cá na terra, circularam logo várias versões. Ora a verdade é muito simples, e é só está — o seu contrato, que fora renovado por mais três meses, terminou no dia 16 último, faz hoje precisamente uma semana. E a coincidir com esse facto, verificou-se também a extinção da secção portuguesa da N. B. C.

Está, portanto, tudo explicado, e é tudo claro como água... Agora vejamos: nas suas cartas para Portugal — o Jorge escrevia assiduamente — ressaltava sempre uma saudade forte, irremediável. Dizia ele: «Os portugueses que vêm para o estrangeiro afirmam que os primeiros seis meses são os mais difíceis de passar, por via da saudade. Comigo dá-se o contrário. Quanto mais tempo decorre, mais me recordo da minha terra, dos meus amigos e companheiros de trabalho e da minha família, sobretudo da minha mãe!».

Não surpreende, pois, que Jorge Alves — um coração bem representativo do sentimentalismo português (não confundir com pleiguel) — ardesse em desejos de voltar à sua Pátria... E altura de pôrmos agora a pergunta: — Que fará o Jorge Alves em Portugal?... E de darmos a resposta, através dos elementos que colhemos.

Nas primeiras semanas, como é justo, o antigo locutor de R.C.P. e da E.N. descansará.

Depois, orientará os seus passos. Um d'elles, importantíssimo na vida, será casar-se! Exactamente. Casar-se. Já o teria feito por procuração, e sua noiva, que reside no Porto e também é locutora da Rádio é uma «doença» contagiosa... teria ido juntar-se-lhe a Nova-York se as leis norte-americanas o permitissem.

Uma vez consorciado, Jorge Alves consultará a «Rosa dos Ventos!» e várias rotas, desde já, se lhe apresentarem: ou segue o caminho conhecido da cidade dos arranha-céus, visto que tem um convite de outra organização radiofónica americana, ou corresponderá a uma proposta vinda da Cidade da Luz, e tomará o avião (o Jorge já não deve querer outro meio de transporte...), para Le Bourget!...

...Ou, então, outra hipótese a encerrar: quedar-se em Portugal, em Lisboa ou na capital do Norte.

A sua reentrada na Enlaseca Nacional não está ainda prevista. A dar-se, de uma coisa o Jorge está antecipadamente seguro: que os seus antigos camaradas, com os quais manteve correspondência normal, o receberão de braços abertos.

Porque ele, sabe-se cá, se é certo vir com mais conhecimentos, com «bagagem» técnica aumentada — é mesmo Jorge Alves, sempre simples, despretençoso, folgado, apesar de na N.B.C. já quasi o tratarem por «engenheiro», por ter feito umas coisas que os companheiros mais antigos não foram capazes de imitar sequer.

Sómente um pormenor pode «afligir» os camaradas portugueses: ouvir o Jorge falar, com a mesma naturalidade de quem bebe um copo de água, dos vinte contos mensais (em dinheiro português, acenit-se...) que é dele todos os meses la cobrar à tesouraria!

LANÇA MOREIRA

## A adaptação cinematográfica de "A cidade e as serras" foi feita por um desconhecido!

O Secretariado de Informação e Cultura Popular atribuiu o prémio de adaptação a Cinema do romance de Eça de Queiroz, «A Cidade e as Serras», ao sr. Gaspar Garcia Mendes.

Vinte concorrentes enviaram produções àquêle organismo cultural do Estado — o que revela bem o alto interesse que este concurso despertou em todas as pessoas que se preocupam com os problemas da sétima arte.

Os prémios de 6.000\$00 e 4.000\$00 destinados a premiar os melhores trabalhos sobre a «Ilustre Casa de Ramires» e «A Cidade e as Serras» foram atribuídos a dois desconhecidos.

O sr. Gaspar Garcia Mendes, que está aqui à nossa frente, é funcionário corporativo, e embora seja um apaixonado por estas coisas de cinema, nunca o tentou como profissional. E, apenas, um entusiasta amador dos filmes e um assíduo frequentador das platéas.

— Porque concorreu?

— Olhe, sobretudo porque ao ler esse curioso concurso me despertou interesse o facto de ser a adaptação dum romance que eu tinha acabado de ler.

— Só por isso?

— Sim, principalmente. Bem vê: o prazo do concurso era curto para me preparar convenientemente. Eu conhecia bem o romance, interessava-me imenso. Foi assim que o reii — e achel que éle daria um esplêndido filme.

— Como escreveu o seu trabalho?

— Em 50 folhas dactilografadas, todas vulgares, trabalhando todas as noites aos serões.

— Ficou satisfeito com o prémio?

— Claro. É um estímulo. Gostaria de continuar a trabalhar para o cinema com continuidade.

— Quais os realizadores que prefere?

— Tenho uma admiração pelos cineastas franceses — pelo seu cinema, que hoje, infelizmente, quasi não existe.

— E dos nossos?

— Gaspar Garcia Mendes olha-nos desconfiado. Reparamos que éle não pretende dizer nada — porque é sempre arriscado, a um novato, começar logo por tomar attitudes, quasi sempre mal compreendidas...





## Anda uma quadrilha em liberdade!

(Continuação da página 9)

torias que lera sobre os agiotas. O velho parecia uma imagem vinda desses contos estranhos.

— Vem, então, por causa do empréstimo, não é verdade? —

A voz do velho parecia enopada em gordura.

— Sim, venho por causa do empréstimo... Será possível?

— Claro, desde que o fiador seja pessoa capaz!

— Por esse lado não haverá inconveniente.

— Ora, quanto era a importância? Tenho tantos

casos a tratar, que não posso trazer todos agarrados à memória.

— São dois contos de réis.

— Uma ninharia!... O Jurozinho é de quinze por

cento ao ano. Não é o da lei, mas como sabe estes negócios trazem muitos prejuízos. Não imagina...

— Concordo, sim senhor! E o que há a fazer?

— Muito simples: preenchemos umas letras que o seu fiador avalliará. A importância de cada uma será o que quiser amortizar mensalmente. Ao receber a importância, será descontado o juro do primeiro ano. Claro que tenho que tirar o informezinho do fiador. Não duvido da sua palavra, mas o capitalista é exigente, e estas coisas obedecem às regras comerciais.

— Tem aqui os vinte escudos para a informação.

Quando puder obter o empréstimo. Tenho um

filho demente...

— Se a informação for boa, dentro de cinco a seis dias tudo estará arrumado e acabou as suas preocupações.

E o velho riuse, ceterando pôr almpatia no seu riso onde havia qualquer coisa de felino roncoiro.

O homem voltou ao cabo dos cinco dias. O velho não estava, mas deixou recado. Tivera de ir à

provincia, a uma terreola qualquer, falar com o indi-

viduo do capital. Que tudo lá bem. O outro tornou outra e aliada outra vez, numa ansiedade louca porque o garoto piorava por falta de alguns medicamentos. Que não voltara ainda o senhor Lopes, ditam-lhe.

Por último, uma mulher de riso escarinhio e modos bruscos, declarou-lhe que o senhor Lopes deixara o quarto havia dois dias. Nada mais sabia dele, nem se metia nas vidas alheias.

Tudo terminara. Nessa mesma noite, uma noite tristes, sem estrélas, morria o penoueno Artur Manuel, porque não mais viera o dinheiro com que lhe comprariam a salvação.

...

O caso contado faz parte do movimento normal da cidade: é um caso de todos os dias. Uma quadrilha trabalha impuneamente à sombra dos infelizes, para ouem o anúncio a pedir empréstimo é o último grito de esperança de quem anda perdido em desgraça. É preciso que a polícia obte com atenção esses senhores que veemem ao crime do nunciar a eles chegará castigo. A rede é eterna. Todo o anúncio, todo o brado de socorro tem resposta... com a exigência dos 20, dos 50 ou dos 100 escudos para aprenharas... E quem os não dá, na esperança cega de conseguir o que pretende? Ele bu, até, os que visitam o cliente, bem moatos, lom até, falantes, pasta atulhada de pãndis, que passam recibo do dinheirinho habilmente surtuplao ao seu incauto. Depois, nem o senhor bem hácto, que se intitulava procurador, nem preparos, nem dinheiro! Foi tudo um ar que lhe deu!

— Atenção, chefe Pereira dos Santos! Anda uma quadrilha em liberdade!

**PASTA MEDICINAL**  
*Conto*  
**TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA**

Medicinal pequena — tubo 11800  
Medicinal grande — tubo 17850  
Vulgar pequena — tubo 1800  
Vulgar grande — tubo 7850

**Tika**  
**MATA**  
**PERCEVEJOS BARATAS PULGAS TRAÇA**

Vende-se nas Farmácias e Drozarias  
Depósitos: **Cada caixa 3500**  
Lisboa — Largo Contador Mor. 4-A  
Porto — Largo de S. Domingos, 108



## LEIA TODOS OS SÁBADOS

# MANHÃ

Um jornal que vale por muitos jornais

Documentário da Imprensa de todo o Mundo

CASA *José Costa*  
**RÁDIO**  
RUA DE S. PAULO, 11-13 LISBOA TEL. 2-4888

## O fim da guerra no Oriente

(Continuação da página 13)

também das doses de estímulo e de confiança concedidas pelas potências vitoriosas.

Segundo o artigo 11.º do ultimato, o Japão fica autorizado a manter as indústrias indispensáveis à sua economia. Para isto, terá de lhe ser permitido acesso às matérias-primas e haverá uma eventual comparticipação nipônica nas relações comerciais com o resto do mundo.

Uma vez negada a possibilidade de controlar os recursos da Manchúria, Coreia e Formosa, o Japão verá-se perante a necessidade premente de arranjar alimento e emprego para uma população de 75.000.000 de indivíduos.

Mas os japoneses têm extraordinária capacidade para produzir objectos destinados ao consumo civil. Basta recordar o fenomenal desenvolvimento das exportações nipônicas entre 1832 e 1837 para crer que, dentro de poucos anos, o Japão reaparecerá como competidor nos mer-

cados mundiais de exportação.

No entanto, por ora, o maior problema resolver vai ser a desmobilização e o emprego na vida civil de cerca de 5.000.000 de homens que nada mais sabem fazer a não ser combater.

Além disso, ninguém pode ignorar o facto de que o choque provocado pela desilusão faça encaminhar o povo japonês para qualquer forma de comunismo de modo a substituir por um Estado militante aquêle que se perdeu.

Embora os japoneses sejam instintivamente uma raça obediente, essa obediência só se manifesta perante indivíduos considerados seus superiores. O mesmo não acontece com os alemães, que instituíram o comunismo a todo e qualquer que disponha de suficiente autoridade.

Em conclusão: é preciso não esquecer, apesar de tudo, que se os japoneses escolherem o comunismo, será na esperança e na intenção de imitar os êxitos obtidos pelo exército soviético. Deste modo, a democracia ao estilo anglo-americano ou o comunismo à maneira soviética devem ser, como, aliás, já sucede em todos os outros países, as duas alternativas a discutir pelos japoneses desmobilizados quando lhes for oferecida a oportunidade de se reabilitarem...

**FIRMA O SEGURO DOS FILHOS. AQUELE QUE FIRMA UMA APÓLICE DE EDUCAÇÃO DA IMPÉRIO**

**COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO**  
RUA GARRETT, 56 LISBOA

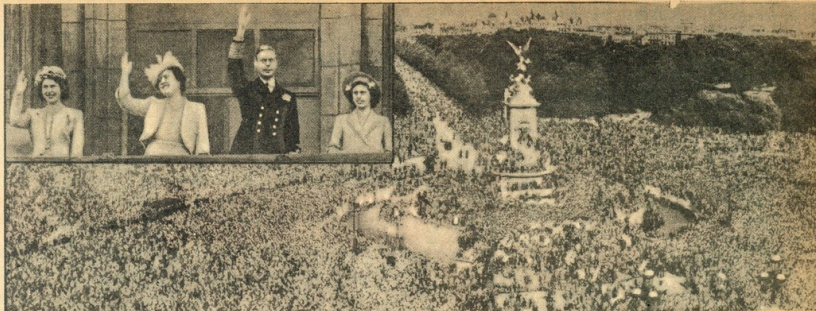
**PODE-LHE SERVIR PARA ACERTAR O RELÓGIO!!**

As suas funções intestinais tornam-se irregulares tal que, por elas, poderá acertar o seu relógio se tomar LAXOBAC, o novo chocolate laxativo.

Um remédio agradável contra a prisão de ventre, tanto para os adultos como para as crianças. Suave, mas firmemente, «Laxobac» exerce a sua acção, sem causar a mais leve dor ou incómodo.

**LAXOBAC**  
Em todas as farmácias a Escudos 5850 e 12500 cada caixa. Lembre-se do nome.





O POVO DE LONDRES MANIFESTOU-SE ASSIM, APÓS A VITÓRIA SOBRE O JAPÃO

A maneira deliberadamente hipocrítica como os círculos oficiais de Tóquio justificaram a derrota japonesa provocou o maior espanto e indignação em todo o mundo. Em face de semelhante atitude, só uma afirmação se pode fazer: o Japão deuse por vencido, mas não está de modo algum convencido.

O Imperador, com um cinismo que não sabemos se devemos classificar ingenuo ou revoltante, fez-se ouvir, pela primeira vez, na Rádio, para declarar que fizera guerra à Grã-Bretanha e aos Estados-Únidos apenas no intuito de preservar o Japão e estabilizar a Ásia Oriental, sem nunca ter pensado em infringir os direitos das outras nações. Todos nós sabemos perfeitamente que foi isto mesmo que o Japão fez durante os últimos anos...

E o semi-Deus Hirohito acrescentou ainda com o maior desquite que ordena a aceitação das condições de Fuzdam pura e simplesmente para salvar vidas inocentes e promover a Paz, acabando por exprimir ao mais profundo pesar perante o fracasso dos esforços do Japão em conseguir sua emancipação da Ásia Oriental.

Por seu turno, o almirante barão Suzuki, na sua alocução de despedida ao abandonar o cargo de Primeiro-Ministro, informou o novo nipónico que, apesar desta derrota, «o

## O FIM DA GUERRA NO ORIENTE

# O JAPÃO ESTÁ VENCIDO, MAS NÃO CONVENCIDO!

Japão Imperial voltará a abrir uma nova estrada no futuro.

A nota mais esmoçosamente sintomática foi dada, porém, pelo chefe dos Serviços Radiofónicos japoneses, Kusuo Oya, que proclamou descaradamente ao microfone do emissor de Tóquio:

«Nós perdemos, mas a nossa derrota é apenas temporária. O grande erro do Japão foi a falta de forças materiais e de conhecimentos científicos. Este erro há-de ser corrigido. Resumindo e interpretando as declarações das três entidades acima referidas, pode-se facilmente dizer que os chefes japoneses consideram a rendição uma simples manobra táctica, ao mesmo tempo que pretendem preservar o mito de que o exército nipónico não foi derrotado e

continua invencível. Deste modo, temos uma redicção correcta e aumentada da velha lendã alemã posta a circular durante a trégua de 1918-1920.

Quando, em Washington, se soube deste estado de coisas, jornais houve que, em grandes parangons, advogaram num arrebatamento compreensivo, o fuzilamento imediato de Hirohito, enquanto na Austrália, em attitude mais moderada, se sugeriu a ideia de que o Imperador fosse obrigado a renegar o discurso.

Quanto a nós, nenhuma destas medidas extremas serão, claro está, aplicadas. Recordamo-nos perfeitamente que, uma vez ocupada a Alemanha, os Aliados toleraram, momentaneamente, o governo-fantasma do almirante Doenitz. Porém, quando achá-

ram oportuno, não tiveram repugnância alguma em indicar aos seus componentes o caminho da prisão, onde aguardam julgamento sob a acusação de serem criminosos de guerra.

Estamos absolutamente convencidos de que, com Hirohito e os seus grotescos conselheiros, há-de vir a acontecer o mesmo, logo que as tropas aliadas desembarquem na metrópole japonesa e as esquadras anglo-americanas entrem na baía de Tóquio...

**QUAL SERÁ O FUTURO POLITICO DO JAPÃO?**

O Japão nunca, na sua longa história, sofreu uma única derrota. Torna-se, portanto, difícil calcular como a população nipónica reagirá perante o desastre nacional.

Durante os últimos 700 anos, o país tem vivido sempre sob o predomínio da casta militar. Todavia, agora, não é de admirar supor-se que as devastações provocadas pelos bombardeamentos e a série de derrotas militares e navais infligidas pelos Aliados podem levar muitos japoneses a pôr em dúvida não só a omniscência da hierarquia militar, mas também os fundamentos sobre os quais assentaram, até esta altura, a vidanacional nipónica.

Em face dos acontecimentos, deve afirmar-se, sem sombra de dúvida, ser inadmissível que a casta militar possa vir a reassumir as suas funções como classe dirigente. Por conseguinte, segundo a ordem natural das coisas, os japoneses vão ser forçados a adoptar uma nova forma de governo.

Entre 1920 e 1930, os governos parlamentares estiveram em moda no Japão, em parte, porque as instituições democráticas tinham acabado de ganhar a guerra.

Não decorreu da sua história, os japoneses têm imitado sempre o que lhes parece ser melhor ou mais valioso. Organizaram o exército segundo o modelo alemão; a marinha, segundo o molde britânico, e as indústrias segundo a bitola norte-americana.

Se o Japão quiser, agora, mudar o seu sistema de governo para a democracia, será apenas de acórdio com o precedente da democracia ter, embora pareça estranho, o privilégio de ser um meio mais habilitado a arrotar victoriosamente com uma guerra do que a democracia militar.

Todavia, a este respeito, há mais causas a considerar. Com efeito, a forma de governo a adoptar pelos japoneses ficará ainda dependente não só dos próprios japoneses, mas



General C. A. Spatz



Almirante C. W. Smithey



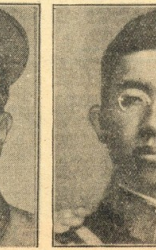
General D. MacArthur



Almirante Lord Louis Mountbatten



General Tojo



O Imperador do Japão



Almirante Suzuki

(Continua na página 14)



# MENDEIROS

(Continuação da página 29)

Luciano jogou ter lido mal. Empalideceu. Apertou nas mãos a folha de papel e lançou-a ao chão. Depois, sentou-se anquiado, apoiando a cabeça nas mãos. Que fazer agora se a felicidade lhe fugiu? Não queria, não podia acreditar naquelas palavras: «Mas assim...» e «...mas assim...»! Ela diz que não o ama! Não consentir que fizesse a infelicidade dela e a minha. Tenho de pedir este absurdo casamento! E gritou, festucando a cabeça no chão: — Por fim apanhou do chão a folha de papel, desenvolveu-a e leu novamente a palavra «mas assim...» quando se casa — murmurou. — Tenho de agir. Não posso perder tempo!

\*\*\*

Era o entardecer dum lindo dia de sol quente e céu limpo, como são estes dias primaveris no Algarve. Maria Clara lia sentada junto dum canteiro de flores. Tudo era paz e sossego. A suave brisa que lhe trazia-lhe os cabelos soltos para as faces, dando-lhe uma graça infinita, trazendo-lhe até ela o suave aroma das flores das amendoeiras mais serôdinas, do azul profundo dum musgo, fêz-na desviar a atenção e, olhando, vê perdo já um automóvel. O carro aproximou-se e o seu olhar encontrou o olhar ansioso de Luciano. O carro pôs a quinta rod do terrazo onde se encontrava. Que automóvel! Como se sentia corar! Seria por causa daquela cara que lhe viera? Mas assim, sem que ela se desse conta, a palavra «mas assim...» como iria sair agora dela? Fica imóvel, sentença envergonhada e ridícula por ter pensado... Mas se veio logo que recebeu a carta — pensava — porque gostava de mim! Não esperava tanto. Coragem, pois...

Luciano, ao sair do carro empurrou a porta com violência. Vinha desfigurado. E Maria Clara, dentro daquela confusão, sentiu uma imensa vontade de rir. Ele precipitou-se para ela, quasi não a cumprimentando: — Maria Clara, o que foi fazer?

— Não consigo que se case com uma pessoa que não ama. Sou seu amigo, entenda? Não quero a sua infelicidade e... a de mais alguém! Esse casamento é uma levandade imprensável!

— Que quere que faça? Já não poderei voltar atrás... Já está tudo combinado...

Maria Clara não terminou. Luciano estava fora de si. — Já penso que a vida lhe parece um inferno, vivendo junto dum pessoa por quem não tem amor?

— Repito: Não posso voltar atrás. Luciano não quis ouvir mais. Viu tudo perdido. Cumprimentou-a friamente, e girando sobre os calcanhares dirigiu-se para casa.

Maria Clara sentiu-se lamenteiramente feliz. Ele amava-a! A mentira dera resultado...

— Luciano! — grita-lhe correndo para junto do carro. — Não percebo que foi uma mentira de que me servi para saber se gostava de mim? Não tenho motivo, não vou casar-me... perdo-me...

\*\*\*

Agitados por uma aragem leve, pétalas de amendoeiras caíam, sobre elas, como se viessem do céu abençoado, aquêle amor e a perdurar-lhes o primeiro beijo...

LIVRARIA ECTECTICA  
LIVROS NOVOS E USADOS  
Compra grandes e pequenas bibliotecas  
Calçada do Combro, 58 — LISBOA

# História da Guerra

(Continuação da página 19)

Mas das figuras militares com quem o general Giraud procurava estabelecer contactos antes de começarem a desenvolver-se os acontecimentos do Norte de África, adoptou uma attitude completamente diferente. Em resposta ao ultimato que o general alemão Nehring lhe dirigiu, para que se definisse a sua attitude, Harré respondeu com uma mensagem dirigida às tropas do seu comando, na qual dizia: «Respondi que as ordens dos nossos chefes e a nossa honra de soldados não nos permitem entregar o território da Tunísia a forças militares estrangeiras. O general Nehring informou-se de que iniciaria as hostilidades contra as tropas francesas que se encontravam no país, no dia 19 da noite manhã. Recebi ainda um outro ultimato do marechal Kesselring que comandava as forças alemãs na Itália. Antes disso, e sem qualquer aviso prévio, os aviões da Luftwaffe bombardearam Béja, praticando um acto de hostilidade que demonstra que os alemães sabiam bem qual seria a minha resposta às suas imposições. Violando as cláusulas do armistício, os alemães atravessaram a linha de demarcação em Franco. Atacaram-nos na Tunísia. Acetilamos seu repito e fazemos causa comum com as tropas francesas da Argélia. Como há vinte cinco anos, contamos com o auxilio das Nações Unidas para alcançarmos de novo a vitória!».

Esta attitude não impediu que os alemães se instalassem durante algum tempo na Tunísia, mas privou-os do concurso valioso das forças francesas, relativamente numerosas, que constituíam a guarnição daquele protegido.

(Continua)

# Inglaterra, fim de século...

(Continuação da página 17)

Para colher um fruto a pedido dum caprichoso *miss* sem perturbarem o conforto se instalassem durante algum tempo na Tunísia, mas privou-os do concurso valioso das forças francesas, relativamente numerosas, que constituíam a guarnição daquele protegido.

Passava-se de velozidade — quem andasse de automóvel, a 20 quilómetros a hora, era um louco, a quem não se podia entregar uma filha para casar!.

Os *pic-nics* sucediam-se e as raparigas bonitas acorriam com a sua graça risonha e sãda — longe ainda das preocupações cinefilas e dos sorrisos com os galãs sem-toga.

Porém, onde o contraste com os dias de hoje é flagrante é no que diz respeito aos trajes de banho e a vida nas praias...

Mas nesse capítulo, amigos, o contraste é enorme em qualquer país onde se vá procurar fotografias de *Miss* e *Séculos* nas folhas dum velho álbum...

Em Inglaterra, como em Portugal... E até nestas fotografias de praias, inglesas, algumas lembram Algés, e parecem tiradas, também, do amarellecido álbum dum avôzinho português...

# UMA GOTTA DE «HERPETOL» e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL» é um medicamento sério e certo para todos os casos de eczema, urticária, prurido, erupções, coceira, herpes, aftas, queimaduras na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU CUSTA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drograrias  
Preço avulso: 1\$100

# MADRID

(Continuação da página 7)

Obra Sindical Educação e Desporto, que não acham conformes com o seu pedantismo, os personagens que mais nos interessam aqui. Todas as manhãs, gozando o grato prazer de uma semana de férias pagas, como manda a Lei, por volta das onze sobem aos terraços dos atos prédios e despendo-se dos seus coloridos *abornos* e, em tira de banho, fazem exercícios ginásticos para, pouco depois, se estenderem no chão. Já entendições pelo calor, a garbaram nerguem numa queima lenta e efice...

E enquanto num terraço, *coscos*, uma ou duas *chicas* fazem ginásticas, noutro, mais acima ou mais ao lado, *coscos* outros, presos da mesma *afición*, jogam-lhes quantos pipros lhes vêm à mente, entre os quais: «Los ojos que son luceros», «La boca que es una granada que apetica comer grano a grano», são os mais banais e mais *apres* junto daqueles autenticamente inéditos e que têm pilhas de graça:

— *Um pipro!* *Trin!*, *cas rubia de frasco que está a tu lado es muy parecida a un pipro!*

— *Por quê?* *monstru!* *¿Que tengo yo que ver con los trinitas?* — pergunta humildemente a Dolores, que sempre Lolita, *safinada* com a pouca *ambición* comparação.

— *Por que quando andas parece que te rompes todo!*

Todos desatam às gargalhadas e Araceli, a mais *brévica*, começa logo a inventar um *chiste* que tenha graça para humilhar aquele *«banhista conquistador do prédio ao lado e que em seu viver jamais vira...»*

E *pipro* para cá e *chiste* para lá, sempre na segunda pessoa do singular, como é de bom tom em Madrid, a manhã passa e... a vida é bela. E sem possível que, nessa hora, em São Sebastião, Santander, na Costa Brava, na Flageira ou Estoril, muitos se estejam aborrecendo já cansados de tanto mar e de tanto conforto. A abundância entada... E estes *«banhistas de décimo andar, frequentadores bi-semanais de qualquer piscina, sonham com o mar e com as ondas e não se aborrecem por não verem brancas areias e por não sentirem as carícias das águas vivas — há sempre novas a contar, propoz a inventar e... canções em voga para cantar em coro. Besta: a mais estúpida e enervante, autêntica ega-ruga que desde manhã até altas horas da noite nos contande com a paciência, começa e termina assim, pois se resume a isto:*

— «Los tres pelos que tenís los de estraperlo, pe-lo-na, sin peloooooos!!!...»

E sempre assim, duas, três, cinco, dez, cem vezes seguidas até à saturação, até não se poder mais!

N. do A — «*Pellos peras* — *meninos-singlis*; *«vitas grinas* — *«vítimas»; *«abornos* — *roupas*; *«luceros* — *estrela*; *«grana* — *romã*; *«rubia de frasco* — *loira oxigenada*; *«trinitas* — *«carros-«trito*... *«te rompes todo* — *«te partes todo*; *«conquistador* — *«conquistador*, Don Juan; *«estraperlo* — *«mercado negro*».*

**Rainha da Hungria**  
OS PRODUTOS DE BELLEZA HA MUITO CONSAGRADOS PELA MULHER ELEGANTE

**RAINHA DA HUNGRIA**  
CARRINHOS PARA BÉBÉS e cadeirinhas

PARA BÉBÉS e cadeirinhas

os melhores

a pronto ou com facilidades de pagamento

**J. COSTA & SILVA, L.ª**  
R. Arco do Bandeira, 79, 1.ª  
LISBOA Telefone 26713  
(atende-se a provincia)

Inscrição para o filme "Matinée às quatro"

Nome .....  
Idade ..... Profissão .....

Morada .....

Desportos que pratica ..... Habilitações literárias .....

Sabe cantar? ..... Que género? .....

Sabe dançar? ..... Que género de dança? .....





Como estão vendo, o «Volley-Ball» é um jogo muito velho... Já os nossos avós... ingleses, vestiam os seus «safafogados» trajes de sports, dos quais faziam parte umas elegantes luvinhas, para poupar as mãos gentis das desportistas...



Um domingo no campo. Um lindo friso, não é? Reparem na fruta dos chapéus...



Isto, dantes, era o melhor meio de transporte para ambos os sexos...



Uma tarde encantadora, à beira-rio — a tomarem banhos de sol... com a sombrinha aberta.



Molhar os pés! Oh, suprema delícia! Molhar os pés, e as saias, e as combinações, e tudo...



Bem feito! Meteu-se-lhe na cabeça a loucura das velocidades e, quando ia a 20 à hora (!!!) atolou-se num charco!...



Gozem este pic-nic. Como vêm, a alegria é esufasante...



## ASSIM SE DIVERTIAM, NOS FINS DO SÉCULO PASSADO, AS LOIRAS "MISSES" E OS FLEUGMÁTICOS FILHOS DA GRÃ-BRETANHA



Isto é um crepórter-fotográfico, com a sua máquina! Ainda há apanhar momentos indiscretos dos banhos matinais! Que engraçado devia ser hoje o Ferreira da Cunha vestido assim!... N. B. — Qualquer semelhança entre o fato de banho e uma camisa de dormir é simples coincidência!...



Que rica foto para um album do família não é?...



Esta senhora foi, naquela época, o escândalo da praia! Oh! De pernas à mostra até aos joelhos! Que horror!...





## 2

# FOTOGRAFIAS QUE SÃO DOIS DOCUMENTOS HISTÓRICOS



**ESTA É A MELHOR FOTOGRAFIA DE EVA BRAUN. — ARTÍSTICO TRATAMENTO DO FOTÓGRAFO HEINRICH HOFFMAN. O SEU ANTIGO PATRÃO, BALHO DO FOTÓGRAFO A HITLER, FORNANDO-A, SEM PEREGRINAR, E O HOMEM QUE A APRESENTOU À HITLER, FORNANDO-A, SEM PEREGRINAR, TRISTEMENTE CELEBRE.**

**A**qui têm duas fotos que são das mais importantes para a história de Hitler e dos seus amores com Eva Braun. A primeira foi tirada no casamento de Greta Braun, irmã de Eva, que se casou com o general Feglein, das S.S., em Berchtesgaden. Na primeira fila vêem-se o major Braun, pai de Eva, e, nessa altura, indigitado sogro de Hitler; o noivo, que era elemento de ligação entre o Führer e Himmler; a noiva, com quatro dedos enfiados, timidamente, no braço esquerdo de Hitler; o Führer, a quem Eva Braun dá o braço; e Frau Braun, mãe da noiva e de Eva. Na fila de trás está Himmler.



No grupo tirado no casamento de Greta Braun vêem-se importantes figuras do nazismo.

Hitler casou com Eva Braun dois dias antes da queda de Berlim — e dizem que lhe deu belos e ricos presentes. Essas prendas não apareceram agora, mas, como Eva e Adolfo Hitler também não apareceram, não há razão para se concluir a frase dizendo «que ela não as pôde gozar por muito tempo»... Na segunda fotografia temos a melhor fotografia de Eva Braun, a mulher de que se começou a falar tão tarde — para depois ser tão falada...

## O MUSEU GREVIN RENOVA-SE

O museu das figuras de cera que passam por Paris têm que ver, o famoso Grevin, do Boulevard Montmartre, está a ser renovado. A guerra deu fama a outras figuras, e ocasião a novos e magníficos trabalhos dos operários especializados. Ali, no Grevin, procura-se, sempre, dar o máximo de vida às figuras — dentro, evidentemente, da vida que pode dar-se a uma figura de cera...

E os visitantes, bastas vezes, passam da senhalaria dos trancos figurativos e da fidelidade das atitudes. Pois há dias, com toda a pompa, *Os três grandes* instalaram-se no Museu Grevin. Não houve discursos, que éles são de cera, o que facilita imenso qualquer conversação entre éles... Não discutiram, não falaram da guerra nem da paz, e limitaram-se, pacatamente, a sua instalação. E isso trouxe, sem dúvida, ao famoso museu um novo e excepcional interesse.

Juntamente com *Os três grandes*, muitas outras figuras do momento deram entrada solene no Grevin: um Montgomery tão parecido que os soldados que o vêem não conseguem evitar o gesto rápido duma continência, Sr. MM, os Reis da Inglaterra — tão perfectos que o próprio Churchill os não distingue dos reais, um mundo aparte, com a sua política, a sua diplomacia e as suas grandes figuras guerreiras instalou-se no Museu de Montmartre.

Há sessenta e três anos que Grevin fundou o museu. E sempre têm sido a guerra e a política os melhores fornecedores de figuras de cera. Num só domingo, estiveram 14, há pouco, três mil e cinquenta visitantes. Predominaram, de trancos, os soldados americanos e ingleses. Uns foram matar soldados dos seus reis, outros foram ver de perto e a sangue frio, o seu marçal...

E o mais curioso é que muitos soldados queiram fotografar-se junto dele, para depois mandarem, à família distante, a irrefutável prova de que são tuco-tu-tú com o célebre cabo de guerra...

Se o leitor passar por Paris, não deixe de ir ao Museu Grevin. Mas, pelo sim, pelo não, prefira, antes, fotografar-se com ele. E que, além de ser mais distinto, é, com certeza, mais fácil de acreditar...

Parece que Montgomery, quando não é de cera, não é dos que dão confiança a toda a gente...

## OS HOMENS QUE QUEREM SALVAR A EUROPA DA FOME

**E**NQUANTO os generais pensaram na guerra, os homens da U. N. R. R. A. só se preocuparam com um dos maiores, mesmo o maior problema da Paz — a Fome.

O auxílio às regiões devastadas, às populações desoladamente abandonadas a si próprias, sem recursos de qualquer espécie e a braços com a miséria e, algumas, até com a peste, tem sido o objecto do seu trabalho, a razão da sua obra humanitária e generosa.

Estas fotos foram tiradas na última reunião da U. N. R. R. A., no County Hall, de Londres.

Na primeira vemos Mr. S. M. Bruce, representante da Austrália, à direita, falando com Mr. R. M. Campbell e com o Dr. A. G. Fisher, delegado da Nova Zelândia.

Na segunda, da esquerda para a direita, vêem-se Mr. W. L. Clayton, dos Estados Unidos, Prof. Arutin e Mr. Berger, da Rússia.

Na última, alguns delegados das Nações Unidas, durante uma reunião.





# HISTÓRIA

## DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

### CAPÍTULO XXVII A GRANDE OFENSIVA DOS ALIADOS

A reação alemã ao desembarque dos Aliados no Norte de África encontrou rapidamente a sua expressão concreta na organização dum reduto defensivo na Tunísia, que assim foi transformada numa sólida testa de ponte onde os recursos das potências do Eixo se oporiam, enquanto lhes fosse possível, ao ataque dos anglo-americanos. Iniciou-se, assim, uma verdadeira corrida de velocidade que os alemães acabaram por ganhar usando todos os meios ao seu alcance para impedir que o desembarque aliado se transformasse, desde logo, num desastre total para as suas forças que, ao longo do litoral, recuavam incessantemente sob a pressão do 8.º Exército britânico.

O general Anderson, que estabeleceu o seu Quartel-General na cidade de Bône, foi encarregado de agir o mais rapidamente possível, avançando em direcção à capital tunisina e antepondo-se à acção dos alemães. As condições de tempo e do terreno e, principalmente, a energia com que, em colaboração com alguns elementos locais afectos ao governo de Vichy, os alemães agiram em Tunis contribuíram para fazer malograr as intenções do comando aliado.

Da rapidez com que o general Anderson pudesse agir dependia a duração das hostilidades no Norte de África e na área do Mediterrâneo, o que equivale a dizer que dela dependia a própria duração da guerra na Europa. A lentidão de movimentos dos Aliados, em contraste com a energia de que os alemães deram provas nessa altura, fez com que as intenções do general Eisenhower se não traduzissem imediatamente em actos, provocando uma demora que foi aproveitada para consolidar o bastião da Tunísia e para o tornar, durante algum tempo, invulnérvel aos ataques dos anglo-americanos. Esta circunstância havia de exercer uma grande influência no curso geral das hostilidades e na duração da guerra, que assim foi inútilmente prolongada.

#### O QUE SE PASSOU EM TUNIS QUANDO DO DESEMBARQUE DOS ALIADOS

Enquanto os Aliados desembarcavam, com cumplicidade das autoridades francesas na Argélia e em Marrocos, passavam-se em Tunis acontecimentos excepcionais. Ao receber a nota que lhe enviara o presidente Roosevelt convidando-o a fazer causa comum com as forças desembarcadas, o Bey não manifestou qualquer propósito de resistência. Não havia na capital da Tunísia elementos militares do Eixo, além dos que compunham a comissão de armistício encarregada de vigiar pelo cumprimento das suas cláusulas.

Fiel aos compromissos que assumira com a França, o Bey manifestou o desejo de se aviar com o marechal Pétain a fim de assentar com ele as condições em que deveria fazer-se a rendição da Tunísia. Esta solução era, porém, impraticável dada a urgência com que era necessário proceder. Entretanto, uma parte da população francesa manifestava-se ruidosamente nas ruas da cidade a favor dos Aliados, cujo desembarque fora recebido com uma satisfação compreensível. Esta satisfação foi, porém, de pouca duração.

Uma semana depois de se terem espalhado as primeiras notícias do desembarque, os aviões alemães começaram a fazer ouvir sobre a cidade o ruído dos seus motores, sinal evidente de que não deixaria de se travar luta para a posse da Tunísia. A chegada aos aeródromos tunisinos dos primeiros aparelhos de transporte alemães, que conduziam tropas, revelaram que o Alto Comando não estava preparado para enfrentar a eventualidade dum desembarque em grande escala no Norte de África. Os contingentes desembarcados eram pequenos e constituídos por tropas que não se encontravam adaptadas às exigências e contingências da luta no continente africano. Esta circunstância causou uma certa admiração, mas não contribuiu para tranquilizar inteiramente os espíritos inquietos e

alarmados perante as perspectivas de combates demorados e sangrentos naquele país.

#### A ATITUDE DAS AUTORIDADES FRANCÊSAS NA TUNÍSIA E A INDECISÃO QUE REINOU DURANTE OS PRIMEIROS DIAS QUE SE SEGUIRAM AO DESEMBARQUE DOS ALIADOS

O comando das tropas alemãs, que desembarcaram por via aérea na Tunísia, foi entregue ao general Walter Neuhring, conhecido pela sua energia e rudeza de processos. A situação estava ainda indecisa quando ele desembarcou em Tunis, onde os franceses, divididos e irreconciliáveis, procuravam fazer triunfar os seus pontos de vista opostos. Nos portos da Tunísia foram praticados actos de sabotagem, o mesmo acontecendo nas instalações dos caminhos de ferro. Em consequência disso, as autoridades alemãs ordenaram o fusilamento do director geral d'esses serviços.

Entretanto, os delegados do governo de Vichy, que enviara especialmente à Tunísia o ministro das Colónias, almirante Platon, procuravam exercer junto do Bey uma acção contrária aos interesses dos Aliados, afirmando-lhe que a resistência organizada pelos alemães acabaria por triunfar das forças desembarcadas. Esta acção acabou por dar os seus

resultados. O Residente Geral na Tunísia, almirante Esteve, que fora colocado nesse lugar pelo almirante Darlan, na altura em que éste chefiou o governo de Vichy, mostrara-se, de começo, disposto a favorecer a causa dos Aliados mas, pouco depois, mudou de opinião aceitando os argumentos que junto d'ele foram invocados pelo seu camarada Platon, que dizia falar em nome do marechal Pétain, e com pleno assentimento d'este.

A decisão do Residente Geral, suprema autoridade na Tunísia, teve uma influência decisiva na marcha dos acontecimentos. O almirante Esteve foi, depois da derrota alemã, julgado e condenado a uma pena grave, embora tivesse invocado circunstâncias atenuantes, entre as quais os seus serviços anteriores e as circunstâncias imperiosas que o levaram a proceder, num momento grave, contra os interesses da nação francesa.

#### A MENSAGEM DIRIGIDA PELO COMANDANTE MILITAR DA TUNÍSIA, GENERAL BARRÉ, ÀS SUAS TROPAS

O comandante militar da Tunísia, general Barré, que se encontrava cumpliciado no desembarque e era

(Continua na página 16)



O almirante Platon



O almirante Esteve, residente geral francês na Tunísia, cumpliciado no Bey, da Tunísia numa cerimónia oficial.

O general Walter Neuhring comandante das tropas alemãs, que desembarcaram na Tunísia.



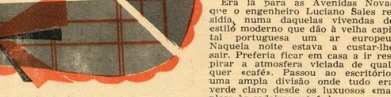
# AMENDOIRAS EM FLÔR

## CONTO PREMIADO NOS

### DIAS FLORAIS DE GARVIOS

**E TELVINA GU**—ou *Teima Gu*, como é familiarmente conhecida, é uma linda algarvia que vive em Faro a vida calma de uma rapariga pacata, mas tem, pelas letras, uma decidida paixão.

Nos Jogos Florais, realizados no *Círculo Clube de Faro*, *Teima Gu*, sob o pseudónimo *«Aloira Encantadas em flor»*, na categoria *«Conto algarvio, não lendário»*, é a esse conto tão simpático «moeinhas algarvia que hoje oferecemos aos nossos leitores.



isto! E se é realmente gostasse dela? Sim, porque podia ser... Pois não ficara ela gostando tanto dele? E seria amor ou que sentia? Aquela perturbadora... aquê não sei que que a estonteava... Não! Não podia ser outra coisa... E pensava tanto, tanto nêlei! Se éste gosta de mim, porque não m'o confessava? É capaz de querer que seja eu a primeira... Fala vou fazer uma experiência... aguardarei o resultado. No amor, como na guerra moderna, tudo é permitido... Tenho de saber se éle me quer...

Éra lá para as Avenidas Novas que o engenheiro Luciano Sales nasceu, numa daquelas vivendas de estilo moderno que dão à velha capital portuguesa um ar europeu. Naquela noite estava a custar-lhe sair. Preferia ficar em casa a ir respirar a atmosfera viciada de qualquer «café». Passou ao escritório, uma ampla divisão onde tudo era verde claro desde os luxuosos emparelhos às cadeiras estofadas e aos carpetes caros. Estantes com livros e sobre a secretária lá estava a foto da Clarinha, sorrindo.

Dirigi-se ao telefone e manteve um breve diálogo com o seu melhor amigo. Precitava falar-lhe sobre o ocorrido.

— Podes chegar a minha casa esta noite?

— Óptimo.

— Preciso falar-te, homem! Espere até aqui dentro no meu carro.

Pousou o auscultador e parou de novo a contemplar o retrato de Maria Clara. Aquê sorriso... aquê olhos... Uma mulherzinha encantadora capaz de fazer a felicidade de um homem!

Pouco depois, quando Luciano terminava estas divagações, entrou no escritório Rui Fernandes, seu colega

e amigo íntimo, com quem já pouco tinha entablado a conversa telefónica.

— Que há, meu caro? Que me queres? — perguntou-lhe este.

— Sentate e escuta! — E apontou-lhe um emparelho — Sabes que a Ivone rompeu com o namorado?

— Não sabia; mas porquê?

— Ora porque havia de ser... Ambôdes de rapariga moderna... Trocou-me por um velho rico... Mas não Julgues que estou desgostoso. Oh, não!... Muito contente mesmo! Afinal, não éra amor que me prendia a ela, mas sim uma obrigação... um dever moral... desde pequenos que nos namoravamos. Claro que, se não tem feito o que fez, teria que casar com ela. Que remédio! Nem me ficaria bem fazer o contrário depois de tantos anos de namoro. Teria me moroso de deixá-la para casar com outro... Mas, assim, como foi ela que acabou para casar com outro, livrou-me dos remorsos e sinto-me melhor assim, sinto-me livre, e já posso pensar a sério na Clarinha. Esta é que me há-de fazer feliz! Estou radiante, não culcadas!

O Rui Fernandes estava pasmado com o entusiasmo do amigo.

— Mas como? — perguntou. — Explica-te! Não percebo nada. Quem é a Clarinha em que me falas? Nunca me disseste nada...

— Oh! Oh! Para ali e vê se não é linda. É uma algarviatinha com um palminho de cabelo... Se se viszes. Ah! Meu caro, vou ser feliz. Assé-guro-te! Tenho a certeza!

\*\*\*

No dia seguinte, Luciano recebeu uma carta de Clarinha, que começava assim: «Esta será a última carta que vou casar-me; e outros lhe escrevo. Vou casar-me, e outros também ocupam todo o tempo. Não amo o meu noivo, mas o amor virá depois...»

(Continua na página 16)

uma foto ali, junto àquela amendoira, agradecida-lhe inebeno, e visto não ter aqui mais ninguém a quem peça este favor... se não a incomodasse...

— Oh! Não incomoda nada! Com muito gosto. Até me vai servir de distração. Mas olhe que escolheu um mau fotógrafo. E, momentos depois, entregava-lhe a máquina, dizendo: Já não precisa de mim, não é verdade?

— Mas tem assim tanta pressa... — Muita pressa não tenho, mas se já não faço falta...

— E não consente antes que eu lhe tire uma foto para ficar com a recordação sua?

— Esta bem, consente, mas... — Ah! Perdõe não me ter apresentado — prasseguia ele não a deturmando continuara — Luciano Sales, engenheiro-agrônomo, residente em Lisboa.

— E eu sou a Clarinha... Isto é, Maria Clara, a professora q' da aldeia... — disse ela estendendo-lhe a mão, que ele apertou na sua.

— Pois daqui a oito dias cá terás a sua foto! — disse Luciano. — E agora está quando? Não costuma ir que não se pensa... E pensa, porque a ser uma grande cidade podia ser que nos encontássemos lá...

Maria Clara habituara-se a despedir-se, e ele encaminhou-se para o carro, e pôs em andamento, desaparecendo numa curva da estrada.

\*\*\*

Passados dias, Clarinha recebeu uma carta para o seu habitado Luciano Sales. Ele mandava-lhe a fotografia que lhe tirara... e até lhe pedia que ficasse trocando correspondência...

Porque não havia de lhe ser agradável, dando-lhe de vez em quando as suas notícias? Que mal fazia se ele havia sido tão delicado? Maria Clara habituara-se a aquela troca de correspondência e pensava, não obstante, que ela teria um fim. Mas que fim seria? E sentia que por qualquer coisa de aborrecido e estranho, tudo tornaria sem sentido... Ela tinha 19 anos... Ele 26... Estava ainda no idade das lindas se poderem transformar em realidade! Demais ele já estava formado... O que que iria fazer? Mas — então que talvez tivesse já uma noiva. Que poderia pensar que ele poderia gostar dela? Ou talvez fosse como ele encontrara facilmente uma noiva rica, e ela era tão pobre...

Mas para que lhe dizia ele: «Tenho no meu escritório a sua foto, sobre a secretária... Quando a contemplar recordo o seu encanto... e sinto-me os seus lindos olhos... Mas para recordá-la não é necessário olhá-la...» E que contenta ele ficava ao ler



Clarinha, aquela rapariga de tipo maneirinho, ágil, de olhos esverdeados e pestanas longas, é bem bonita de cara — como dizem lá os da aldeia — e nos seus sorrisos autênticos, que a descerbto era a sua linda — fêlita de dentes alvíssimos, certinhos. Toda, na aldeia, a conhece. Ela é a «señora professora» — tem um colégiozinho onde ensina os netinhos do lugar. Ao domingo vai-lhes ensinar a doutrina para o campo, e quando a líção termina é vê-las felizes, embevecidos, ouvindo as lindas histórias que a mestra lhes conta, e feliz ela também por eles a rodearem, tão contentes.

E pobre — mas possui a riqueza de saber ganhar para viver, e de fazê-lo estimar por todos que a rodeiam. Filha de um artista ignorado, ficou, d'elá de mãe nos cinco anos, tendo-o pai internado num colégio de Lisboa, para receber uma conveniente educação. Porém, a súbita morte do pai obrigou-a a refugiar-se sob a guarda da avó parca, velhinha severa e simpática que a adorava, naquela minúscula aldeia algarvia, cantinho do lado de sua mãe e que era também o seu.

Um dia, depois de ter pôto em ordem a sala de aulas que os pequenos haviam deixado em desalinho, após a saída, foi para o seu habitado passeio. Encantava-a aquêlê deslumbrante espectáculo: dum lado a vastidão imensa do mar, num extenso monte verde-azulado, quieto e manso, qual corderinho, por vezes, outras revoltosamente encapelado, ruído froulo, como um leito. Do outro lado, um outro mamão tão menos vasto e belo, mas este branco, branco matizado de rosa; as amendoineiras floridas.

\*\*\*

Perto da igrejinha estava um automóvel estacionado e junto d'êlê um homem muito novo ali estava tão aspecto de turista. Devia ser algum apreciador da Natureza. E as amendoínas naquêlê ano estavam tão lindas! Todas branquinhas! Davam mesmo a ideia de que os namoros tinham pouso em cima. E se o vento lhes dava com mais força, levando as suas florinhas desfeitas em pétalas pelo ar, parecia a neve a cair... daquêlê neve setinosa, perfumada...

Ao passar perto do turista, este cumprimentou-a e disse-lhe: Desculpe interrompê-la, sim? Mas se quisesse ter a bondade de tirá-me

APONTAMENTO DE BORGES SOBRINHO



ASSIM  
NASCEU  
**O GOVÊRO  
TRABALHISTA**  
NA  
GRÃ-BRETANHA

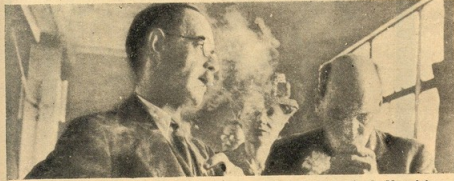


Os três grandes, do Partido trabalhista, Clement Attlee, Morrison e Bevin, enfrentam as câmaras dos fotógrafos, no Central Hall, de Westminster.



Cá fora o povo comprimia-se, aclamando Attlee e pedindo-lhe, em altos gritos, para assoar as janelas.

Em Transport House, quartel-general do Partido trabalhista, onde Attlee presidiu a muitas reuniões, trabalhase afanosamente. Aqui vemos o chefe do partido com sua mulher e o professor Lasky, na sua primeira conferência com a imprensa, depois da vitória.



Ao lado do novo Primeiro Ministro vemos o prof. Lasky e, ao fundo Mrs. Attlee.



O tenente-general «Srs» F. Noel Mason-Mac Farlane fala aos membros do Partido vitorioso

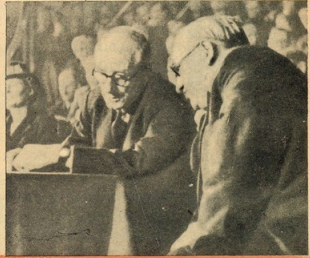
**T**ODOS sabemos, nós e o leitor, que foi esmagadora a vitória do Partido Trabalhista nas eleições inglesas, e é fácil calcularmos como tal êxito entusiasmou os adeptos do partido do major Attlee.

Foi, sem dúvida, um grande acontecimento para a Inglaterra e para o mundo. Mas, mercê do espírito calmo, ordeiro e civilizado dos ingleses, tudo se fez com calma, com alegria mas sem loucura, com entusiasmo — mas com conta, peso e medida. Assim, para muitos, a substituição do charuto de Churchill pelo cachimbo de Attlee, foi uma coisa natural, esperada e inevitável. Mas nem êstes, que já antecipadamente acreditavam no triunfo do seu partido devem ter conseguido furtar-se ao natural entusiasmo da vitória.

Estas imagens mostram como os ingleses receberam a notícia e como os chefes «trabalhistas» iniciaram — os seus trabalhos...



Herbert Morrison também fuma cachimbo, como Attlee. Parece que os charutos estão abalados do novo ministério...



Ernest Bevin conversa com Harold Clay presidente do partido trabalhista em Londres, num intervalo das celebrações de Central Hall.



## A CAMISARIA CHIC XANEL



nos tecidos mais  
finos, confec-  
cionados por  
medida

VISITEM A  
CASA

*Xanel*

A. V. CONDE VALBOM, 84 — LISBOA

## O FOGO!

EM POUCOS MINUTOS DESTROE  
A RIQUEZA ECONOMIZADA  
EM VARIAS GERAÇÕES



CONTRA ESTA  
CALAMIDADE  
ASSEGURE OS  
SEUS HAVERES  
NUMA SÓLIDA  
COMPANHIA

CONSULTE A

**PORTUGAL PREVIDENTE**

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS  
CAPITAL E RESERVAS 17 MIL CONTOS

Sede: R. DO ALECRIM, 10 - LISBOA - Telef.: 24040  
Delegações: PORTO - COIMBRA - BRAGA - FARO

## ¡Nervosos! ¡Esgotados!

O excesso de trabalho, as preocupações, a vida dinâmica, produzem um desgaste no seu sistema nervoso, a parte mais nobre do organismo.



Os nervos, sempre maltratados, tornam-se inquietos quando os seus órgãos estão alterados.



Quando os nervos estão irritados a mínima questão resolve-se com violência.



As preocupações e desgastes alteram o sistema nervoso provocando insónias.



Os desgastes funcionais são muitas vezes resultantes do desequilíbrio dos nervos.



A enfermidade, o cansaço ou o abrandamento podem vencer-se alimentando o sistema nervoso.



O homem de negócios necessita saúde e energia para desenvolver a sua actividade sem desfalcatórias.



Quem tem vida forte não pode nem deixar condonar os seus músculos a uma permanente inactividade.

Os nervos cansados são responsáveis da sua fadiga e depressão, da sua falta de memória, da sua excitabilidade.

Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.

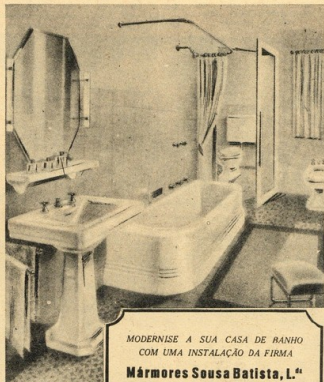
Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornar-se-ão mais ágeis, o seu cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.

Peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero

À venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

# Fósforo Ferrero

SUPER ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUENTE E NUTRITIVO



MODERNIZE A SUA CASA DE BANHO  
COM UMA INSTALAÇÃO DA FIRMA

**Mármore Sousa Batista, L.ª**

PRACA DO MUNICIPIO, 39  
LISBOA ~ TELEFONE 27641

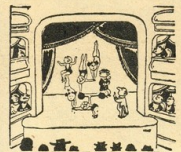


— Pode-se fumar aqui?  
— Não senhor.  
— Mas estas pontas, de quem são?  
— Das que não perguntaram.



A FORÇA DO HABITO

O distribuidor de prospectos a quem saíram quinhentos contos pela lotaria.



EQUIVOCO

— V. Ex.<sup>a</sup> enganou-se. O vosso assento não é este. E a cadeira número trinta e três dá quinta fila.



FEMINISMO

— Tens uma sorte, Anastácio! Eu não consigo, sequer, que meu marido traga a aliança de casamento.

**BILHETES**



FUTEBOLISMO

— Porque me diz que devei comprar dois bilhetes se apenas eu vou a desfilio?



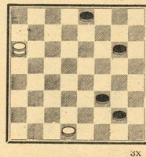
# PASSATEMP



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES  
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marques da Bandeira, 108, 3.ª - LISBOA

## DAMAS

PROBLEMA N.º 7  
Por Israel Ferreira



ax

## XADREZ

(Secção portuguesa)

FINAL DE JOGO N.º 17  
Pelo capitão Escrito António Borges (Pórtó)

Pretar: 4 peças.



Brancas: 1 «dama» e 1 «peão».

Jogam as brancas e empatam.

O autor tem a honra de dedicar este trabalho ao Ex.<sup>o</sup> Senhor Orlando Augusto Lopes, da Chamusca, como gratidão pelo magnífico «final de jogo» que, ultimamente, na «Vida Mundial Ilustrada», se dignou dedicar-lhe.

Nota.—O presente «final» pertence à classe daqueles empates que se deixam sempre ganhar quando desconhecemos a solução. Tudo depende do 1.º lance, e, este, é pouco ou nada concebível.

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 32

21-18	4-7	18-23	1-8
22-3	3-12	17-10	P. 8.

## DADOS BÁSICOS PARA A SOLUÇÃO OU RESOLUÇÃO DOS PROBLEMAS DE PALAVRAS DERIVADAS

O problema tem três agregados de casas, e cada um desses agregados tem seu número de quadradinhos para preencher. Vejamos o problema abaixo transcrito, e encaminhem-nos por dia.

Como se vê, o n.º 1 é colocado no agregado do centro, o n.º 2 no lado esquerdo, e o n.º 3 no lado direito do problema. Ora, para procedermos à solução do problema, é intuitivo que não comecemos pelo n.º 2 ou 3, mas sim pelo n.º 1, uma vez que é este agregado que compõe todo o problema. Ora, achada a solução certa da palavra que constitui o n.º 1, para se achar a do n.º 2 é apenas necessário juntar-se-lhe uma letra, que formará assim, nova palavra, succe-

dendo o contrário ao n.º 3, portanto se ao n.º 2 se juntou uma letra à palavra que constitui o n.º 1—para o n.º 3 tem que se excluir uma letra da palavra que compõe o n.º 1, para se formar assim nova palavra. É certo que a esta junção e tiragem de letras muito contribui o enunziado que abaixo se transcreve. Portanto, se para o n.º 2 se junta uma letra e para o n.º 3 se exclui, essas letras devem ter um lugar, ou por outra, um sentido que se harmonize à esta troca dita. Por isso, a letra que se junta ao n.º 2 vai colocar-se no quadradinho que ladeia o lado esquerdo do problema, e a letra que se tira para fazer o n.º 3 vai colocar-se no quadradinho que ladeia o lado direito do problema. Porém, isto não impede de forma alguma que o problema se faça com todo o seu conteúdo. Se assim continuarmos por toda a extensão do dito problema, teremos ao fim o adágio que lhe serviu de base e que em cima apenas se transcreveu em parte. Naqueles quadradinhos que for após um traço, não se porá letra absolutamente alguma.

↙	2	1	3	↘
	5	4	6	
	8	7	9	
	11	10	12	
	14	13	15	

## PALAVRAS DERIVADAS

PROBLEMA N.º 1

(De ensaio)

QUEM TUDO QUERE...

### ENUNZIADO

- 1— Cada um dos pequenos orifícios da derme.
- 2— Cavalinho novo.
- 3— Discursão.
- 4— Mau dançador (Prov.).
- 5— Viela.

- 6— Pátria.
- 7— Amora.
- 8— Rolam.
- 9— Paroceleiro que joga primeiro.
- 10— Uma das tábulas do jogo das edamas quando chegado à última linha do respectivo tabuleiro.
- 11— Espécie de chibo africano.
- 12— Ablução usada pelos turcos.
- 13— Terceiro estômago das aves.
- 14— Meta em dificuldades.
- 15— Bólo de farinha de trigo torrada, misturado com sal, que os romanos espalhavam sobre a cabeça das vítimas.

# PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 32 (Concurso)

Pelo Dr. José Rodrigues Correia (Viseu)

### ENUNZIADO

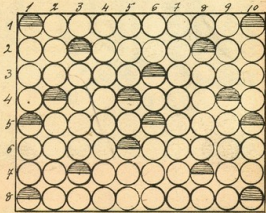
**HORIZONTAIS:** 1— Astutos (fig.). 2— Solitário; clamor (fig.); nome de letra (plur.). 3— Comas; fruto da linceira. 4— Aspecto; a família. 5— Nome de homem; zombas. 6— Depressão entre montes; repetes a pedido (um trecho de música ou de declamação). 7— Antiga nota musical; freqüentaria; avançada. 8— Torraças.

**VERTICAIS:** 1— Saudável; consoante e vogal. 2— Poetas; fôlha de ferro estanhada. 3— Pântano. 4— Transparência. 5— Nota musical (plur.); sol. 6— Progrida (inv.); outra vez? 7— Hebraicas. 8— Membrana colorida que circula a pupila do olho. 9— Advérbio com que se afirma ou se designa consentimento; brotas. 11— Chiste; apelido.

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 31

**HORIZONTAIS:** 1— Danificadoras. 2— Amorosidade. 3— Se; acometera. 4— Amo; asilo; aga. 5— Puxa; aso; al. 6— Amima; ata. 7— Regenerativas. 8— Enre; abrola. 9— Cava; adovava. 10— Ida; atoma; ama. 11— Dora; arara; ar. 12— Orara; arábico. 13— Sá; arasa; aras.

**VERTICAIS:** 1— Desaparecidos. 2— Enumeradora. 3— Na; oxigenara. 4— Ima; ameba; ara. 5— Foca; ano; ar. 6— Irosa; ata. 7— Comiseradoras. 8— Asselo; abonara. 9— Dito; atoma. 10— Ode; atila; aba. 11— Rara; aviva; ir. 12— Adaga; aramea. 13— Se; alisa; aros.



Dr. José Rodrigues Correia



A EQUIPA FEMININA  
VENCEU POR A  
PROVAS DE ESTI-  
FETAIS 3 X 50. NO FES-  
TIVAL DE NATAÇÃO  
DO SPORT AGÜES E  
DAFUNDO

